

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI—Número 1750

Sexta-feira, 8 de Agosto de 1924

PREÇO — 30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa—PORTUGAL

TELEFONE—5339-C

Officinas de Impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

Todos os inquilinos devem seguir atentamente a discussão da lei do inquilinato na câmara dos deputados, onde pretendem alterá-la por forma a servir os nefastos desígnios dos senhores ::

MILITARISMO E CLERICALISMO

Quando se examina a história, se folheia o passado, constata-se sempre que todos os períodos de decadência são assinalados por um predomínio espectacular do militarismo e do clericalismo. Esse predomínio faz-se à custa duma deplorável decadência moral, duma tristíssima castração mental, duma submissão inexorável a todas as violências e todos os sofrimentos. O militarismo e o clericalismo tornam-se assim, os mais evidentes sinais duma atroz decadência.

Na sociedade portuguesa, profundamente decadente, está se preparando um predomínio cada vez maior destas duas forças que são as que, dum passado nefasto, têm conseguido resistir ao poder destrutivo do tempo e da inexorável evolução. As sociedades têm-se modificado várias vezes e em todas essas modificações o padre e o militar profissional têm conseguido sobreviver. Porquê? Porque nenhuma dessas modificações sociais tem possuído o condão de eliminar a podridão que há séculos vem corroendo os aglomerados humanos.

O exército foi o feudalismo; foi a revolução francesa; foi o liberalismo; foi o republicanismo e, ultimamente, na Rússia, é o comunismo, ou melhor dizendo, o socialismo de Estado numadas suas fases mais antipáticas.

A ideia de cercar de baionetas uma sociedade tem s do funesta à civilização e ao progresso. Ainda que se procure apontar vários aspectos evolutivos da sociedade em que as espingardas do exército têm desempenhado um papel importante, nada prova contra o que afirmamos. É que o exército que tem servido várias ideias só o tem feito tornando-se delas parasita. Dentro de todas as ideias que tem servido, o exército tem implantado um despotismo que as sufoca e uma opressão que as aniquila.

A revolução francesa foi esmagada pelo exército; a Comuna de Paris foi cruelmente afogada em sangue pelo exército, pelo mesmo exército confessionalmente impotente para impedir a vitória do nacionalismo alemão, bismarkiano; a república espanhola foi traída e derrubada pelo exército; a ditadura de Primo de Rivera, apoiada nas espadas do exército, principalmente nas espadas que fugiram cobardemente diante dos marroquinos.

A guerra europeia foi a maior prova da inutilidade dos exércitos. O militarismo encheu o mundo de dores e de ruínas. Milhões de homens ficaram para todo o sempre em improvisados cemitérios. Apesar de todo o horror da guerra o militarismo não a decidiu a favor de nenhum país ou melhor dizendo de nenhum grupo de capitalistas.

As únicas vitórias do militarismo deram-se contra povos desarmados, contra a maior e mais bela parte da humanidade que quiz, em nossos dias, dar para o futuro um grande e decisivo passo. Recordemos a Finlândia esmagada pelo terror branco; a Hungria torturada pelo terror branco; a Alemanha gemendo e sofrendo as maiores misérias e dores após o fusilamento dos que pretendiam abater o poderio capitalista alemão, esse poderio que aumentava, em riqueza e em força à medida que os operários rebentavam de fome e as crianças se tuberculizavam por falta de alimento.

As vitórias do militarismo assinalam-se sempre por incêndios horrores, por terríveis devastações, por crueldades espantosas, por um regresso do homem à bestialidade humana.

O «Diário de Notícias» de hoje oferece uma fotografia palpante de atualidade: o arcebispo de Braga discursando nas festas gualterianas. Quem o rodeava? Militares profissionais e o mais categorizado dentre eles—o ministro da guerra.

Nesta sociedade em que um milhão de homens morre de fome, em que uma minoria vive da exploração duma maioria que trabalha, que admira a importância considerável da caserna e da igreja? Olha-se para o parlamento e

lá encontramos em deputados, em senadores, militares e padres. Examinam-se todos os ministérios que se formaram da guerra para cá e constata-se neles a existência de militares. A medida que a corrupção política vai aumentando, eleva-se o número de militares que se dedicam à política.

Quando a república parece atingir a plenitude da sua corrupção fez-se a cerimónia da imposição do barrete cardinalício ao Loccietti. No Minho onde existe uma percentagem espantosa de analfabetos, onde o padre é pai dos filhos que o ficaram sendo do país incógnito, fez-se a famosa parada de fanáticos, de subservientes, de ignorantes e velhacos do Congresso Eucarístico.

Fala-se actualmente muito em instrução. E fala-se porque a não há ou antes porque nunca esteve tão desprezado o problema da educação popular. Dada a decadência do ensino que admirar que se tivessem feito várias tentativas de militarização das escolas, chegando a uma delas a abraçar as crianças de 5 anos? Que admirar, pois que um grupo de professores primários acarreiasse azoite para o lampadário dos soldados desconhecidos no Mosteiro da Batalha, que admirar ainda que se pense formar uma associação de professores católicos?

A medida que as escolas vão desaparecendo por estarem instaladas em pardieiros, em prédios arruinados que não são reparados convenientemente, vão-se construindo igrejas e quartéis.

É necessário que o operariado atente neste duplo perigo que se está evidenciando em dezenas de festas religiosas, em dezenas de festas militaristas, para se organizar a tempo a defesa contra um possível ataque destas duas tradições e nefastas reacções.

A situação dos presos

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Ontem este Secretariado avistou-se com o dr. Catão de Menezes, actual ministro da Justiça, a quem expoz os fios que ali o levava. Como o referido ministro ia a sair, fomos apresentados ao dr. Pessanha das Neves, seu secretário, que nos recebeu com muita gentileza, pronunciando-se de uma forma cativante para a organização operária, dizendo que o ministro está na disposição, dentro da medida do possível, de atenuar a situação dos presos entregues ao governo, que era o fim que ali nos conduzia, há mais de 18 meses e que o dr. Domingues dos Santos ficou de despaçar em definitivo.

Tomou nota o secretário do ministro dos nomes dos presos que se encontram no forte de Monsanto e na cadeia do Limoeiro, para, ou serem devidamente tratados com o carinho que o caso requer ou então serem propostos a indulto a conceder pelo próximo aniversário da proclamação da república, ficando esperando este Secretariado que o dr. Catão de Menezes, juntamente com a vontade expressa pelo dr. Pessanha das Neves, resolverá definitivamente este momentoso assunto para descanso das famílias dos referidos presos.

Constata também o Secretariado a libertação do operário pintor Joaquim Costa, que há muito se encontrava no calabouço 7, do governo civil, ficando ainda ali o operário servente da Construção Civil, Eduardo de Oliveira, devendo este Secretariado tratar hoje da sua libertação porque não há nada que justifique a sua arbitrária detenção.

Aos presos sociais que se encontram na cadeia do Limoeiro, pede o Secretariado para enviarem para aqui, por escrito, o nome dos que já têm entregues os requerimentos, a fim de evitar qualquer lapso que por acaso exista.

Daniel Severino
Como tivessem faltado jurados no julgamento deste operário, no passado dia 6, ficou adiada para hoje.

É advogado de Daniel Severino o dr. Mário Monteiro.

Dr. Pedro Vallina

As gralhas deram azo a que na notícia que ontem publicámos sobre este nosso amigo se lessem errados os números da porta da sua residência e da do seu consultório, que são, respectivamente, 142, na rua Gomes Freire, e 24, na rua do Mundo.

A «Leva da Morte» RECLUSO ASSASSINADO

A odisseia dos condenados a degrêdo que foram até Loanda no vapor «Faro»

Em 18 de Junho transacto partiram para o degrêdo 450 presos, condenados a prisão maior.

Foi o «Faro» da Companhia Agrícola do Ganda que os transportou.

Custou o Estado no seu transporte mais de 500 contos, isto é, mais de 1 conto por cada recluso.

Esta despesa equivale, talvez, à que fariam 450 passageiros que embarcassem em 3.ª classe para Loanda. Por consequência deveria a alimentação dos condenados ser igual à dos passageiros pois que o Estado pagou como se o fossem.

Mas assim não sucedeu. Os condenados passaram fome pelo caminho.

Assim no-lo indicam as cartas que ontem recebemos, cartas cheias de indignação pelas desumanidades cometidas durante a travessia e que foram até ao assassinio cobarde e traiçoeiro dum recluso.

Como dissemos partiu o vapor «Faro» em 18 de Junho do ano corrente. Chegou a Loanda em 10 de Julho, demonstrando na travessia 21 dias de sofrimento, para os desgraçados que a justiça portuguesa arremessava para as plagas africanas, condenando-os, assim, a uma morte prematura.

Logo ao iniciarem a viagem, tam longa como cruel, começaram a ser maltratados. Por cima deram-lhes umas miseráveis esteiras que passaram 8 dias estalando defeitos exalando um cheiro pestilencial. Durante quase duas semanas foram fechados nos porões, onde se acumularam como sardinhas em lata, transacto e quem o matou continuou

fazendo serviço como se tivesse cometido um belo gesto.

No mesmo dia foram encerrados num porão 8 reclusos entre os quais se encontrava o preso por delito social António Augusto Guedes Pinto e o preso por delito comum Alfredo Martins. E assim foram até Loanda quase que nem lhe fornecendo comida. Eram agredidos brutalmente quase todos os dias!

Ao chegarem a Loanda foram todos metidos entre baionetas da companhia indígena.

Os 8 reclusos a que atrás nos referimos, ao desembarcar, foram novamente agredidos com maior violência. O preso por delito social António Augusto Guedes Pinto não só foi agredido a coronhada como todos os outros, como também o foi com as baionetas no peito e no rosto! Jam-no matando. Na fortaleza ainda por cima meteram as vitimas nos calabouços.

Para se defenderem do bárbaro assassinato cometido o bordo fizeram constar por intermédio do jornal da província que a bordo tinha havido uma revolta e que para a dominar tiveram que empregar a violência.

Felizmente que o «Faro» está quase de volta e então se fará luz completa sobre as violências que se cometeram sobre criaturas indefesas.

Comissão pró presos por questões sociais

Comissão central
Para assunto urgente, reúne hoje, pelas 21 horas, esta comissão, com a presença de todos os delegados.

A bala que o prostrou sem vida, entrou-lhe pelas costas.

O infeliz Alfredo Miguel foi lançado ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

fazendo serviço como se tivesse cometido um belo gesto.

No mesmo dia foram encerrados num porão 8 reclusos entre os quais se encontrava o preso por delito social António Augusto Guedes Pinto e o preso por delito comum Alfredo Martins. E assim foram até Loanda quase que nem lhe fornecendo comida. Eram agredidos brutalmente quase todos os dias!

Ao chegarem a Loanda foram todos metidos entre baionetas da companhia indígena.

Os 8 reclusos a que atrás nos referimos, ao desembarcar, foram novamente agredidos com maior violência. O preso por delito social António Augusto Guedes Pinto não só foi agredido a coronhada como todos os outros, como também o foi com as baionetas no peito e no rosto! Jam-no matando. Na fortaleza ainda por cima meteram as vitimas nos calabouços.

Para se defenderem do bárbaro assassinato cometido o bordo fizeram constar por intermédio do jornal da província que a bordo tinha havido uma revolta e que para a dominar tiveram que empregar a violência.

Felizmente que o «Faro» está quase de volta e então se fará luz completa sobre as violências que se cometeram sobre criaturas indefesas.

Comissão pró presos por questões sociais

Comissão central

Para assunto urgente, reúne hoje, pelas 21 horas, esta comissão, com a presença de todos os delegados.

A bala que o prostrou sem vida, entrou-lhe pelas costas.

O infeliz Alfredo Miguel foi lançado ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

ao mar na madrugada de 4 de Julho

Crónica do Porto

A grave questão das águas

continua por resolver com evidentes prejuízos e perigos para a população

PORTO, 7.—O engenheiro da Câmara, de braço dado com o engenheiro da «Compagnie générale des eaux», verificou que as acusações desta são fundadas. De facto, as bôças de água aludidas estão desmanteladas, perdendo muita água e, portanto, vão ser reparadas.

O que o engenheiro da Ex.^{ma} Domus não quiz verificar, como lhe competia, foi o estado lastimoso em que se encontra a canalização da Companhia das Águas, à qual nos referimos na crónica passada.

Mas se os engenheiros do Município, por sinal chorudamente pagos, fôsem muito solícitos no cumprimento do seu dever, em vez de fazerem, de ano a ano, e quando fazem, uma visita à casa das máquinas da «Compagnie générale des eaux», e aos seus filtros — veriam que muita coisa lá é preciso remediar, salvo se as amizades... ainda costumam ter as mãos rôtas...

Os maquinismos e os filtros da «Compagnie» são também os mesmos de há 42 anos. Além de serem insuficientes para a densidade da população e para a actual área da cidade, muito superior ao perímetro demarcado no contrato e sua modificação — eles estão cheios de bombas...

É natural que a desgraçada «Compagnie», que há 42 anos nos explora, não tenha—coitadita!—conseguido um chavo galgo com que pudesse, não já reformar a canalização cheia de microbios, mas ampliar o maquinismo e os filtros, atendendo às exigências cívicas e dando cumprimento ao compromisso que tomou em, gradualmente, aumentar o abastecimento de água à medida que a cidade e a população aumentassem também... Mas quem não pode, arrega — eis o portuguêsíssimo prolóquio... Para que a «Compagnie» não caia de bruços numa lamentável falência, é melhor retirar-se...

O que não é admissível, é que depois de 42 anos tudo esteja na mesma, como se a cidade se encaregasse duma tal forma a não permitir ver geitos duma florescência caranguejal...

Muita gente faz uma fideia muito errada do que sejam os filtros. Os filtros são uns muros que, acima dos açudes, se estendem até ao rio Sousa. No interior dessa muralha, formando um imenso tanque, estão pedras e areia, de forma a que as águas captadas do rio tenham de escoar-se, gota a gota, pela abóbada até ao depósito; dando-nos a impressão de que chove...

Infelizmente, porém, e devido ao pouco cuidado da «Compagnie» que se esconde numa camararia fiscalização pouco desposta a andar de barco num subterrâneo a inspecionar os filtros, sucede que, de quando em vez, a abóbada filtrante está desarranjada em certos sítios—devido ao que, em lugar de gota a gota, a água cai de jacto, de chimpão, como é vulgar dizer-se em linguagem popular...

É claro que estas ruturas fazem diminuir sensivelmente o gotejamento das outras partes não avariadas, e daí o bebermos, em desconto das nossas culpas e como prémio à nossa ignorância e à nossa covardia, água por filtrar...

Eis a razão porque quase toda a água tem quasi o peso do chumbo... e do azogue...

Eis a razão porque quasi toda a população sofre de linfatismo.

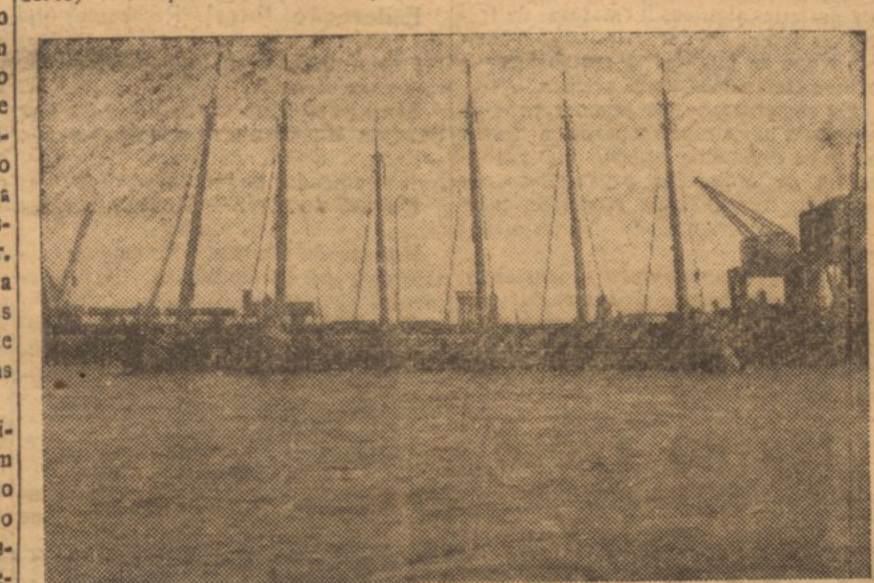
Quando a água frequentemente, nos aparece barrenta ou, pelo menos, da cor do leite... grão, o defeito não é só das impurezas duma canalização primitiva e que há muitos anos não vê limpeza, barreira; é também dos primitivos filtros, que igualmente não se reformam

NO SUL E SUESTE

Mais de 600 contos pagos por retenção de fragatas

A incúria e o desleixo fazem perder aos Caminhos de Ferro do Estado centenas de contos. — Fragatas retidas com material — setenta e cinco e noventa dias. — Duas caldeiras que custam, só em carvão, 42 contos por mês. — Duas carruagens aguardando que «alguém» mande fazer a ferragem para ficarem prontas. — Uma experiencia... que em vez de aço produz vidro.

Porque nesta campanha, como de resto em todas as que aqui se fazem, costumamos manter sempre uma honestidade de processos que nos imponha perante toda a gente, devemos uma rectificação a um pequeno lapso que se continha no artigo de anteontem sobre os casos da estação do Barreiro. Onde se lê que a muralha Sul continua até esta data, não mesmo estado — deve ler-se: a muralha Sul está a esta data em vias de conclusão. Assim ficará de certo, visto que a muralha em questão



Um grupo de seis fragatas que estiveram carregadas mais de 3 meses

esteve mais de dois anos sem ser reparada, sendo os trabalhos iniciados há mais de dez meses, tendo só agora sido concluídos.

Nas Oficinas Gerais, onde tanto há que escarpelizar e onde se estão produzindo os efeitos duma administração ruinosa, com maior intensidade, porque os serviços ali constituem a base de todo o serviço ferroviário que assenta sobre a tração, e que só um certo número de máquinas pode fornecer, tudo continua meima, porque até hoje ninguém tomou providências. Existem tais anomalias que o prejuízo são consideráveis, sem que a administração tente sequer evitá-los ou pelo menos evitar a sua continuação.

Existem nas Oficinas Gerais duas caldeiras, marca *Butner*, que apenas fornecem vapor para dois pilões e para um compressor de ar.

Estas caldeiras gastam 15 vagões de

carvão por mês, como combustível, para a sua alimentação. Vejamos em quanto fica ao Caminho de Ferro o serviço prestado por tal processo. Computando cada vagão em 8 toneladas, temos 120 toneladas de carvão por mês.

Computando ainda o preço do carvão em 350\$000 a tonelada—verifica-se que a alimentação das caldeiras—mas só a alimentação—fica por 42 contos por mês.

Acrescentando a esta importância as despesas de transporte de carvão, de conservação e do pessoal de fogo, o en-

podia estar também em serviço. Aguardando a sua conclusão, por falta de material, não obstante a carencia escandalosa de carruagens nos comboios e de se lutar com mil dificuldades para se conseguir regular o serviço de passageiros.

Mas o que se pode esperar dos dirigentes técnicos, se a sua insuficiência de conhecimentos é pavorosa, em relação aos serviços que estão dirigindo?

Vejamos este exemplo:

Há uns meses, um grupo de engenheiros—rapazes novos e divertidos—pensou em assombrar o pessoal com uma descoberta, que visava a garantir às oficinas gerais a produção dum aço mais barato e de melhor qualidade do que o empregado até agora. Estudado o caso com atenção, analisados os materiais que deveriam compor a liga, foi carregado o forno, para uma fundição.

Com espanto e desgosto dos alegres rapazes—inventores—o aço produzido estalava como vidro. Foram mais uns contos de escudos gastos com a experiência, que apenas teve como resultado de levar os jovens técnicos a desistirem do invento.

As Oficinas Gerais continuaram a produzir aço e do melhor, por um processo, cuja invenção é da autoria dum antigo operário das mesmas oficinas.

Os escândalos administrativos são maiores ou menores, consoante não só não a perda material que ocasionam, como a causa que os motiva. Os que vam numerar ou são dos que são classificados de — formidáveis — pois que alçados do prejuízo material ser enorme, a causa que os motivou ainda tem maior vulto—o desleixo e a falta de providências.

Quando ao Tejo começaram chegar os primeiros barcos carregados com material ferroviário para o Sul e Sueste, fornecido pela Alemanha, por conta das chamadas reparações *en nature*, iniciou-se o seu transporte para o Barreiro, em fragatas fretadas para esse fim.

Parece que tudo deveria estar preparado para se fazer a descarga das fragatas, em Barreiro, com a maior urgência, a fim de evitar o pagamento pela retenção das fragatas.

Pois não sucedeu assim. Quer com o material que veio da Alemanha, quer com o que veio da Inglaterra, gastaram-se centenas e centenas de contos só com a retenção das fragatas.

Máquinas, vagões, material para as novas Oficinas Gerais, tudo foi sobre carregado com o custo das retenções.

Uma das nossas fotografias de hoje mostra um grupo de seis fragatas, que permaneceram carregadas, junto à pontal-cais, mais de três meses, vencendo

uma retenção que podemos calcular, como média, de 150\$000 por dia e por cada uma, o que dá 900\$000 por dia e 81 contos em noventa dias. Além deste prejuízo há ainda a considerar o prejuízo ocasionado ao material carregado, que ficou sujeito a avarias, por não estar resguardado.

Mas não foram apenas estas seis fragatas as que deram lugar ao pagamento de retenções. Para se avaliar de quanto dinheiro se estragou, basta verificar os dias de retenção das seguintes fragatas:

Reunindo a estes 102 contos, as importâncias pagas pelas retenções de muitas outras, pois houve fragatas há dezenas que sofreram retenções de dez, vinte, trinta, quarenta e cinquenta dias, acharemos mais de 600 gastos por desleixo e por incúria, sem que um único dos responsáveis fosse chamado a capital por tão importantes esbanjamentos. A importância deste escândalo seria noutro país motivo mais que suficiente para a prisão dos responsáveis.

que o nosso cálculo é muito inferior.

Reunindo a estes 102 contos, as importâncias pagas pelas retenções de muitas outras, pois houve fragatas há dezenas que sofreram retenções de dez, vinte, trinta, quarenta e cinquenta dias, acharemos mais de 600 gastos por desleixo e por incúria, sem que um único dos responsáveis fosse chamado a capital por tão importantes esbanjamentos. A importância deste escândalo seria noutro país motivo mais que suficiente para a prisão dos responsáveis.

Reunindo a estes 102 contos, as importâncias pagas pelas retenções de muitas outras, pois houve fragatas há dezenas que sofreram retenções de dez, vinte, trinta, quarenta e cinquenta dias, acharemos mais de 6

A questão do inquilinato

A lei que está sendo discutida na câmara dos deputados oferece grandes vantagens aos senhores!

A atitude das Juntas de Freguesia

Que vale afinal a influência do grande democrata dr. José Domingues dos Santos? A lei do inquilinato lá continua enalçada. Pior do que isso: está ameaçada de sofrer certas emendas que vão completamente anular a pretendida defesa dos inquilinos.

Desde já protestamos contra algumas das alterações que se preconizam. Uma delas é do excessivo aumento das rendas das casas. Esse aumento é incomportável. O argumento de que se actualizou tudo e se não actualizam as rendas não pode colhê-lo. A habitação é de primeira necessidade e deve como todas as outras primeiras necessidades ser assegurada. Se os gêneros de mercaderia não são fornecidos aos consumidores por preços mais módicos não é isso razão que se permita que o mesmo se faça em relação às rendas das casas. Se o comércio explora e rouba, podem os políticos defender-se disso dizendo que não é prática a fiscalização desses abusos. Ora precisamente em relação ao inquilinato é que não é difícil fazer a fiscalização, sobretudo se os políticos tivessem posto a questão no seu verdadeiro campo, retirando aos proprietários o poder de intervir nos próprios contratos.

AS JUNTAS DE FREGUEZIA

apreciam as "demarches" realizadas no Parlamento e tomam deliberações que conservam secretas

Sob a residência do sr. Joaquim Gil, secretário dos srs. Vasco Augusto Martins e António Augusto Cabral, continuam ontem a sessão das Juntas de Freguesia.

O sr. Carlos Maia refere-se a uma notícia publicada num jornal da tarde, acerca da lei do inquilinato que, segundo as suas informações, devia ser brevemente aprovada.

Segue-se no uso da palavra, o sr. dr. Alfredo Guizado, que, por memorandado da Junta à Assembleia das últimas "demarches" junto do sr. presidente do ministério, perante o qual ia apresentar a demissão da Federação das Juntas de Freguesia. O sr. presidente do ministério respondeu-lhe que tinha a maior consideração pelas Juntas de Freguesia, aceitando as suas justas reclamações, e o sr. ministro do interior afirmou poderem as Juntas confiar absolutamente na sua acção, porque equidistam todos os seus esforços para que a aprovação da lei fosse um facto, dentro do mais breve espaço de tempo, na actual sessão legislativa.

O presidente, depois de breves explicações, pediu a imprensa, que poderosamente tem contribuído para esta luta em que há de triunfar o sagrado direito do lar. (Apoiados.)

de arrendamento, tão péssimo uso dele tem feito.

Outra das alterações contra que protestamos e conosco toda a massa de trabalhadores, estamos disso certos, é contra o facto de se permitir que o senhorio possa despejar o prédio com o pretexto de o ir habitar. Isso estava congado na primeira lei do inquilinato. Mas teve que ser abolido porque na prática só servia para os senhores desalojarem os inquilinos e arrendarem depois as casas por maior renda.

Isso teve de ser arrancado da lei sem virtude dos numerosíssimos protestos que surgiram. E exactamente porque isso se presta a abusos é que os senhores o reclamam.

Um senhorio, dado que essa alteração passasse, faria constar ao inquilino, ou melhor a todos os inquilinos que queria ir ocupar a casa e que, portanto, procurasse outra habitação. Os inquilinos, sabendo que na lei estava consignado aquele direito, submetiam-se e abandonavam o prédio. O senhorio em seguida arrendava a outros. E depois os inquilinos instalados noutras casas, nem de longe vinha intentar questões contra o senhorio especulador.

E isto que querem os senhores.

rios. Resta saber se lhe farão a vontade os políticos.

O problema da habitação é gravíssimo. Em toda a parte ele revestiu um carácter agudo; mas em Portugal ele pode ter origem da alteração da ordem pública.

Já há muitos casos de despejos a que a população se tem oposto, fazendo reentrar o mobiliário na casa despejada e impondo-se ao senhorio com ameaças e violências. Tem havido em alguns pontos do país atentados contra a vida dos próprios proprietários. A chama vai lavrando. Se os políticos não virem o perigo e não quiserem lançar um pouco de água na fogueira será mais tarde muito difícil atalhar um sério movimento de revolta.

Talvez isso sob o ponto de vista de educação revolucionária das massas seja preferível para o nosso objectivo final. O que não deve necessariamente ser muito do agrado dos que pretendem manter a sociedade capitalista: e não há outra forma de evitar esses protestos e essas revoltas senão transigindo um pouco com as imperiosas necessidades da preparação e procurando atendê-las numa mínima parte, já que não queremos atendê-las na totalidade, como seria justo.

Classes que reclamam

Manufactores de artigos de viagem

A fim de apreciarem a resposta dos industriais, reuniram os componentes desta especificidade, os quais tomaram conhecimento dos respectivos ofícios. Depois do assunto devidamente debatido, foi aprovada uma moção que tem as seguintes conclusões:

1.º Lavrar o seu protesto contra as respostas dos industriais; 2.º Conservar-se em sessão permanente; 3.º Que a comissão de melhoramentos inquiria amanhã dos representantes da União dos Manufactores de Artigos de Viagem o que se passa sobre a nossa circular.

A fim de tomar conhecimento da "demarche" feita e resolver o caminho a seguir, volta hoje a reunir, pelas 19 horas.

Ferrovários da C. P.

Para tratar especialmente de melhoria de situação, em face da enorme carência da vida, reúne amanhã a assembleia geral dos ferroviários da C. P., pelas 21 horas, com a seguinte ordem dos trabalhos:

1.º Contas e relatório do 2.º trimestre e nomeação da comissão revisora de contas; 2.º substituição de dois delegados do Conselho Federal; 3.º situação do pessoal de oficinas; 4.º reclamações a apresentar à Companhia, sobre a questão económica da classe, etc.

Guilherme Lima

Pede-se ao operário Aníbal dos Santos a sua comparecência hoje, sem falta, pelas 21 horas, na redacção de A Batalha, para se tratar dum assunto referente ao processo de Zefirino da Silva.

Portimão — A. Sério — Segue o jornal original das listas publicadas. Seguem por encomenda postal os tomos perdidos.

Marinha Grande — Joaq. A. Freitas — O dicionário Cândido Figueiredo por correio custa mais \$500. Francês em três meses não temo.

Fuzeta — A. J. B. — Recebemos carta e liquidação. Segue o livro pedido.

Lobito — A. F. Silva — Recebemos o 1.º Ficon pago até 30 de Novembro do corrente ano. Obrigado pelo novo assinalamento.

A cura das doenças pelas plantas. 3.ª edição — Preço, 250\$, pelo correio, 2550\$ — Pedidos à administração de A BATALHA.

Visitas de estudo

Promovida pela respectiva comissão de propaganda, realizou-se no pretérito domingo a anunciada visita dos filiados na secção de Campo de Ourique da Juventude Sindicalista aos museus Arqueológico e de Artilharia, visita que deixou os jovens visitantes a melhor impressão pelos ensinamentos obtidos.

Contra a guerra!

Os dois minutos de silêncio na Alemanha foram interrompidos por calorosos protestos

BERLIM, 7. — Durante o décimo aniversário da guerra, deram-se nesta cidade vários incidentes, o mais grave dos quais sucedeu em frente de Reichstag, e cujas janelas se encontravam o Presidente Ebert e o governo.

Uma salva de 21 tiros de artilharia marcou o início aos dois minutos de silêncio em homenagem aos mortos, mas esse silêncio não teve lugar.

Os comunistas em grande número interromperam pela multidão, e ao mesmo tempo que lançavam pequenas proclamações soviéticas em papel amarelo e vermelho, entoavam estridentemente a "Internacional".

A confusão foi enorme, chegando a ser desfeitas algumas formações de tropas. Só depois de decorrido algum tempo, e que foi possível a restabelecer a ordem efectuar algumas prisões.

Os socialistas e os democratas da esquerda haviam-se recusado a tomar parte na cerimónia oficial, que qualificaram de militarista, organizando por seu lado, três comícios monstros, cujos oradores proclamaram: — Nunca mais a guerra!

Os antigos combatentes judeus abstiveram-se igualmente de tomar parte na homenagem, visto os seus sacerdotes não haverem sido convidados a dela participarem. Limitaram a um cortejo ao cemitério israelita.

TEATRO APOLO

Hoje

A mais sensacional peça

O Capital

Preços sem locação. Plateia, 2500\$ 9000; Camarotes de 15000 a 30000.

A seguir: O COMBOIO n.º 6

Agremiações várias

Núcleo de Estudos Sociais. — Reúne no próximo sábado, 9 de Agosto, a assembleia geral deste organismo. Pede-se a todos os filiados que não faltem, pois há assuntos bastante transcendentes a apreciar.

Dr. Pedro Vallina

Doenças do coração e pulmões e CLÍNICA GERAL

Consultas na rua do Mundo, 84, 2.º, das 14 às 16 horas.

Chamadas: rua Gomes Freire, 142, 2.º.

Eden Teatro

TODAS AS NOITES, às 21,45. A mais esufante alegria com a incomparável revista

VIDA AIRADA

Exito formidável da Companhia Odele de Carvalho e meio grosso, pelo 1.º pagável Gomes, da Trindade. O compadre, por Aurelio Ribeiro. Os fados da "Noção" e de "A Severa", por Adilina Fernandes. Outros papéis de destaque por Ema de Oliveira, Luisa Dardo, Judite de Sousa, Hóbecho Bastos, Santos Caralho, Alfredo e Jose Silva e mais artistas.

O Casamento do Zumba

Xá lá bae!... com Odele de Carvalho, Julia da Assunção e Artur Rodrigues

Bill Bailey em O MARINHEIRO — RO AMERICANO —

Preços populares ao alcance de todos

AS GREVES

Operários metalúrgicos

Os operários da casa Eduardo Pinto de Sousa, que já vinham reclamando a equiparação de salários às casas congêneras, declararam a greve que será mantida até serem atendidas as suas reclamações. Prevê-se todos os metalúrgicos para que não vão trabalhar para a referida casa enquanto não ficar solucionado o conflito.

Os grevistas devem reunir hoje às 11 horas na sede do Sindicato Unico Metalúrgico, rua da Esperança, 204, 2.º.

Marceneiros da casa Severino

Terminou o movimento nesta casa em virtude do pessoal ter aceite a plataforma do industrial, que consistia em 1950, sendo resolvido que a comissão de melhoramentos o entrevistasse conseguindo mais \$50, ou seja um aumento de 2500, prontificando-se o industrial a readmitir todo o pessoal e não exercer represálias sobre o mesmo.

Canteiros da obra do mestre Benjamin

Reúne ontem a secção profissional dos canteiros, para apreciar o conflito entre aqueles operários e o respectivo mestre, tendo constatado que foi retomado o trabalho, em virtude de serem satisfetivas as reclamações.

Verificou ainda que as acusações feitas a Lino Cal, não eram a expressão da verdade, pois este camarada para nada tinha sido convidado como se provou lamentando tal facto, que foi apenas devido a má interpretação, que a sessão decidiu continuar o mesmo camarada a merecer a confiança da classe, pois que nem trabalhava na obra onde se suscitou o conflito.

Metalúrgicos do Rossio de Abrantes

Os metalúrgicos do Rossio de Abrantes formularam, por intermédio do respectivo sindicato, uma reclamação de aumento de salário no patronato, que consistia dum aumento de 250\$, para os salários de 13 escudos para cima e de 3 escudos para os que auferissem menos daquela quantia. Como a sua reclamação não fosse atendida, pois os industriais fizeram aumentos irrisórios que revolviam os operários, estes declararam-se em greve na segunda-feira transacta.

As últimas ofertas dos industriais de 1950 e 1900 sobre os actuais salários foram repudiadas pelos grevistas que resolveram manter o seu movimento até serem integralmente atendidos.

A Federação Metalúrgica previne todos os metalúrgicos a fim de que não aceitem contratos de trabalho para aquela localidade enquanto durar o conflito.

Congresso Pedagógico

Inicia-se amanhã em Braga

Promovido pela União do Professorado Primário do Ensino Geral e Infantil, realiza-se amanhã, em Braga, no Salão Recreativo Bracarense, às 18 horas, a sessão inaugural do Congresso Pedagógico.

SECÇÃO TELEGRAFICA

C. G. T.

Federação Rural — Recebemos ofício e vale. Remetemos os selos pedidos. Os estatutos dos rurais de Saborito foram para emendas.

Sindicato dos Operários da Indústria de Conservas — Matosinhos — Recebemos ofício a tempo de fazermos as emendas que indicam.

Rurais de Vila de Falam — Ainda não recebemos o vale de que falamos.

Rurais de Borba — Recebemos estatutos a que daremos o devido andamento.

Manipuladores de Vidraça. — Marinha Grande. — Recebemos ofício e dinheiro. Remetemos os selos que registam.

Federações

MARITIMA

A comissão organizadora do 3.º congresso marítimo pede aos delegados que se encontrem no norte e sul do país para enviarem correspondência.

TANOARIA

Sindicato de Lisboa. — Pedimos comparecência de todos os membros da direcção ao Conselho Federal de hoje.

A sindicância à Casa da Moeda

Pretende-se abafar mais um escândalo?

Consta dentro da Casa da Moeda que se pretende abafar a sindicância aos actos do seu administrador geral, Lúcio de Azevedo, e seus auxiliares.

A camarilha que rodeia aquele cavaleiro já abriu uma subscrição para lhe inaugurar o retrato e deitar foguetes e morteiros.

Terá possível mais este escândalo quando na sindicância há depoimentos feitos por operários daquele estabelecimento demonstrativos de factos anormais e escandalosos que ali se têm verificado?

Ainda mais consta que, uma vez apurados os casos dos discos, se põe pedra sobre os actos do administrador.

Veremos se mais este escândalo fica abafado, como tantos outros.

TEATRO NACIONAL
SEMPRE
A SEVERA
Às 21,30 da noite
PROTAGONISTA:
ESTER LEÃO

Vida Sindical

C. G. T.

Secção de Unões

Reúne hoje, esta Secção, pelas 21 horas, devendo comparecer todos os delegados que no Conselho Confederal representam as Unões de Sindicatos.

COMUNICAÇÕES

Compositores Tipográficos. — Reúne ontem a direcção deste Sindicato, com os delegados dos quadros dos jornais, para tratar das acumulações, constatando a falta da maioria de delegados, o que prova que desprezam um assunto de tão transcendental importância. Depois de alguma discussão foi resolvido convocar, para breve uma assembleia geral, para resolver em definitivo o parecer. Por alguns delegados foram justificadas as razões porque existem várias anomalias dentro desses quadros, ficando resolvido a direcção tratar de normalizar essas situações. Por António Tavares foi exposto que as contas do último movimento se encontram em poder do tesoureiro da comissão, que as está conferindo, sendo proposto que se oficiasse à Associação dos Impresores, dando conhecimento.

Calafates de Lisboa. — Reúne esta classe, resolvendo entre outros assuntos nomear delegado ao 3.º congresso marítimo António dos Santos. Apreciando a atitude das camaradas do sindicato da construção naval do Seixal, sobre o último aumento de salário, tomaram-se resoluções que serão postas em prática na próxima segunda-feira, caso aqueles camaradas não mudem de atitude ali.

Mais resolveu chamar à ordem os operários Valga da Fonseca e João Matheiros, por terem desrespeitado os regulamentos da classe, e oficiar aos encarregados para que não constintam nas suas obras os operários que não estejam pagos nas suas cotas até ao mês de Junho, isto de segunda-feira em diante.

Federação da Indústria do Calçado, Coutos e Peles. — Reúne a comissão administrativa, que tomou várias resoluções de carácter interno e apreciou ofícios do Núcleo Federal da Guarda, do S. U. de Braga, cujo pedido foi resolvido atender segundo as possibilidades e do S. U. do Porto, a quem vão ser enviadas as necessárias explicações.

CONVOCAÇÕES

Federação Marítima. — Para tratar de assuntos de inadiável resolução, reúne hoje, pelas 21 horas, o conselho federal deste organismo, devendo comparecer todos os delegados, reunindo também a comissão administrativa, às 20 horas.

Federação Nacional da Construção Civil. — Reúne hoje, pelas 21 horas, o Conselho Federal.

Federação dos Trabalhadores do Livro e do Jornal. — Reúne às 18 horas o conselho federal para apreciar um parecer de trabalhos a realizar, apresentado pelo secretariado.

Para elucidação de todos os delegados, que hoje não devem faltar, enunciámos as características dos ditos trabalhos, que são os seguintes: realização duma série de conferências inter-sindicais locais, no sentido de levantar toda a organização gráfica e de toda a mais modernos meios de acção revolucionária, saída do órgão federal, etc.

S. U. Metalúrgico. — Reúne hoje, às 21 horas, a assembleia geral com o seguinte ordem de trabalhos: apreciar o relatório dos delegados ao congresso da indústria, o parecer da comissão revisora de contas de 1923 e os balanços do primeiro trimestre; nomear os cargos vagos na comissão administrativa; outros assuntos que se relacionam com o desenvolvimento do sindicato.

Caixoteiros. — Reúne hoje, às 21 horas, em assembleia geral.

Condutores de Carroças. — Reúne a comissão administrativa que resolveu convocar para domingo às 14 horas uma reunião magna para tratar entre outros assuntos, da péssima situação da classe assim como o não cumprimento do horário do trabalho. Vai ser lançado um manifesto à classe chamando-o ao cumprimento dos seus deveres.

Federação da Tanoaria. — Para assunto de urgência reúne hoje, às 19,30 horas, o Conselho Federal, com a presença da comissão administrativa e da direcção do Sindicato dos Tanoeiros de Lisboa.

Jardineiros. — Reúne hoje a assembleia geral, pelas 21,30 horas.

SINDICATOS

Corticeiros de Silves. — Reunidos em assembleia geral, ocuparam-se do facto de se estar desrespeitando o regime de 8 horas, fábricas havendo em que se trabalha do nascer ao pôr do sol.

Foi resolvido agir com energia para evitar-se que se continue atirando uma regalia que tantos anos de luta e de sangrentos sacrifícios custou ao proletariado e publicar em A Batalha os nomes dos operários que assim estão procedendo.

Comité Federal Metalúrgico do Norte. — Reúne no sábado passado, com a presença de todos os seus componentes, a excepção de Caetano Ral-

na, que se encontra ausente do Porto para entre outros assuntos apreciar e resolver sobre o silêncio da Federação para com este comité e ainda para apreciar uma comunicação do Sindicato de Braga.

Sobre a primeira foi resolvido que novamente se oficiasse à Federação Metalúrgica expondo-lhe a situação dos Sindicatos da Zona Norte e a impossibilidade de este comité actuar na propaganda e organização — como lhe está indicado — devido à sua situação e não permitir, bem como instar mais uma vez com aquela Central para que imediatamente seja enviada a cópia do relatório financeiro do comité cessante, cuja falta muito está prejudicando a regularização da escrituração deste comité.

Sobre a comunicação do Sindicato de Braga, referente à greve dos metalúrgicos de S. Jerónimo de Real, bem como do pedido duma delegação junto dos grevistas, resolveu que se oficiasse aquele sindicato pedindo informes sobre o estado do movimento para depois este comité actuar, visto que a referida comunicação só muito tarde chegou ao seu conhecimento.

E' apreciado também um ofício ao Sindicato de Viana do Castelo que pede o envio de uma delegação junto dos metalúrgicos daquela localidade, fazendo igual pedido o Sindicato de Rio Mel.

Resolve que se sguarde o auxílio da Federação, com o qual imediatamente actuará bem como em Vila de Conde e Povos do Varzim.

Sobre um ofício do Sindicato dos Soldadores de Matosinhos, que pedem delegados para uma sessão que o mesmo realiza no dia 7, foram nomeados Saul de Sousa e António Rodrigues dos Santos.

Toda a correspondência para este comité deve ser enviada para Saul de Sousa, rua da Bateria, 17, Porto.

MORALIDADES

Sobre a notícia com este título publicamos na terça-feira, recebemos a seguinte carta da Província Central da Assistência:

"Tendo lido em A Batalha uma local em que se afirma que a Província da Assistência paga o telefone n.º 5370 que é atribuído ao antigo provedor sr. Pais Abranches, rogo a v. se digne desfazer essa informação.

E' facto que nos foram enviados, certamente por lapso da Companhia, as contas do referido telefone. Não foram, nem serão, porém, processadas nem pagas. — De V., etc., Lino Gamaireo."

A Conferência de Londres

Pontos de vista da delegação alemã

BERLIM, 7. — Depois de ter trabalhado toda a noite, a delegação alemã entregou à Conferência de Londres o seu memorandum.

Não se constata que as modificações do Tratado de Versalhes devem ser sancionadas pela Alemanha: pede a evacuação económica do Ruhr dentro de 4-18 semanas; protesta contra a permanência dos ferroviários franco-belgas no Ruhr e solicita garantias contra novas invasões; pede a suspensão geral incondicional para todos os expulsos.

Uma carta anexa do chanceler Marx diz que por brevidade de tempo disponível a delegação alemã não se pode ocupar com a devida atenção de todos os problemas, sendo mais urgente a solução da ocupação militar do Ruhr.

A Inglaterra

firmou dois tratados com a Rússia

LONDRES, 7. — Os delegados ingleses e russos da conferência que se realiza nesta cidade, concluíram finalmente dois tratados, um comercial e outro de ordem geral, que o governo resolveu submeter ao parlamento conjuntamente com as propostas de garantia do empréstimo ao governo dos soviets.

A evacuação do Ruhr

LONDRES, 7. — O governo inglês estudou detalhadamente a forma como se há de efectuar a futura evacuação da região de Colónia.

A França não deseja abandonar os territórios ocupados antes de se ter verificado que a Alemanha tinha desarmado e que fosse apresentado o relatório da comissão encarregada de exercer fiscalização sobre o desarmamento da Alemanha.

AS FRONTEIRAS

do Ulster e da Irlanda

LONDRES, 7. — O projecto de lei confirmando os acordos com o Estado Livre da Irlanda foi ontem discutido no parlamento prevê que se a Irlanda do Norte se negar a nomear delegado para estabelecer as linhas de fronteira com o Estado Livre antes deste projecto ser aprovado, os poderes do parlamento do governo do Ulster passarão para o governo Britânico no que diz respeito à nomeação de delegados para o estabelecimento das fronteiras entre as duas partes da Irlanda.

EM ALMADA

realizou-se, com grande concorrência, um comício público O comércio encerrou as suas portas

ALMADA, 7. — Realizou-se, com bastante concorrência, o comício promovido pela U. S. O. d'Almada, para se apreciar e resolver sobre a lei do inquilinato. Presidiu Silvério dos Santos que mostrou as razões que levaram a União a convocar este comício. A pedido do administrador, foi-lhe dada a palavra começando este sr. por afirmar que estava ao lado do povo na sua tão justa reclamação e que as opiniões do povo deviam ser respeitadas por quem de direito pois que ele é soberano. Aproveitava a ocasião para afirmar que dava ampla liberdade de todos exporem os seus pontos de vista; pediu no entanto que não usasse de fraseado impróprio.

Seguiu-se Zacarias Pinho que apreciando o movimento espontâneo que se fez quando do mandato de despejo último, declarou-se satisfeito porquanto ele foi só do povo que se tornou das respectivas autoridades arranjarem os "cabecas de motim" para as suas custodadas perseguições.

Houve quem censurasse a União por não estar à frente do movimento. Em parte têm razão mas lembra ao operário que em sindicalismo toda a força parte de baixo para cima e por isso mesmo ele se sente satisfeito como os factos se produziram. Ataca todos os indivíduos que desculpando-se com o de-

ver das suas profissões, praticam as maiores ingenuidades. Pede que o comício se pronuncie sobre as emendas feitas pelo Conselho Jurídico da C. G. T. à lei do inquilinato da autoria do Sr. Catanhão de Menezes.

Segue-se Bernardino que acusa não só os senhores, como aqueles inquilinos que alugando quartos, exercem uma exploração igual ou maior que os próprios senhores. Acusa estes, de deitarem a fazenda e terem os seus inquilinos sem arrendamentos e até sem recibos, conservando-os assim sob a sua dependência.

Em seguida fala José Alais que arrebatadamente ataca os senhores. Ataca veementemente todos os que protegem a acção ignóbil dos senhores e mostra que a acção militar nestes casos é atenuatória dos seus próprios interesses.

António Gonçalves Vidal, em nome da C. G. T., começa por mostrar a tendência natural no homem para a Solidiedade e dizendo que não existe no indivíduo o germen da maldade. O instinto natural é pelo contrário o do muito auxílio e para isso ele constitui a família, as sociedades, as nacionalidades, etc.

As razões que levam o homem à maldade são de ordem económica social, pois que só o meio em que vivemos é

que cria o roubo, o assassinato, em suma todo o mal derivado desta concorrência em que sempre estamos colocados.

Na questão do inquilinato, como aliás em todas, o dinheiro é sempre a justiça. Com dinheiro se compra desde o julgamento até ao operário. E' preciso destruir o meio e formar uma sociedade onde o comunismo livre seja um facto, porque só assim quando o homem tenha conquistado a sua verdadeira razão de ser ele será feliz.

Ao terminar foi delirantemente aplaudido ouvindo-se vivas à C. G. T. No final foi aprovada uma moção com as seguintes conclusões:

1.º — Instar com o Conselho Jurídico para que as emendas feitas pelo mesmo à lei de autoria do sr. Catanhão de Menezes, sejam novamente apresentadas para serem aprovadas no parlamento.

2.º — Que o Conselho Jurídico exija do ministro da justiça a cessação imediata de qualquer mandato de despejo, enquanto lei não for aprovada.

A moção foi aprovada por aclamação entre vivas à C. G. T. e «A Batalha».

Ao comício assistiram não só os operários como indivíduos de todas as cores políticas, tendo o Comércio encerrado as suas portas a pedido duma comissão. — C.

Especulação torpe

Na corrida de touros que ontem se realizou em benefício do raid Lisboa-Macau foram distribuídos uns papucos em que se inscrevia a C. G. T. a intenção de alterar a ordem pública no caso de morrer um dos animais vítimas do bárbaro espectáculo tauromáquico. Esses anónimos papucos têm tanto de estúpidos como de caluniosos.

Não serão, contudo, eles, que irão prejudicar a C. G. T. que está muito acima dessas especulações em tudo dignas dum cretino vítima da educação jesuítica. Se assinalamos o facto, é apenas para accentuar o lado de que são feitos certos e encapotados inimigos do operariado consciente.

JOVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa. — Reúne hoje, pelas 21 horas, a assembleia geral. Devido à importância dos assuntos a tratar, pede-se a comparecência de todos os filiados.

Comissão pró-Manuel A. de Oliveira

Reúne hoje, às 22 horas, a comissão de auxílio a este militante operário.

Ger o Suplemento de A BATALHA

Misericórdia de Lisboa

Na Reparação de Assistência acceitam-se requerimentos de pobres entredados, afim de se dar cumprimento ao legado de D. Luísa Francisca Bordaz.

Donativos para a compra de material tipográfico

Transporte: 12.472.26.

Augusto Teixeira Barbosa, mulher e filho, 3000; José Correia Neves, 2500; Abraham Lima, 3000; Antonio R. Silva, 3000; José Antonio Ribeiro, 2500; Antonio Domingos, 5000; Antonio Pereira Costa, 2500; José de Oliveira, 3000.

Quete aberta entre ferroviários das oficinas da Companhia, em auxílio de 4 Batalha. — Manuel Eduardo da Costa, 5000; Miguel de Moura, 3000; Antonio Pereira da Silva, 2500; Joaquim Maria Marques, 2500; Manoel Monteiro Soares, 2500; Francisco Joaquim Martins, 2500; Pedro Garcia, 2500; José Pinto dos Santos, 2500; João Monteiro, 2500; Joaquim Martins, Marques, 2500; Antonio José Ferreira, 2500; José de Lemos, 1500; Antonio Moreira da Silva, 1500; Antonio Vieira Carneiro, 1500; José Pereira da Silva, 1500; Fernando de Oliveira Coelho, 1500; José Augusto Pinto, 1500; Adriano Correa, 1500; Manoel Rodrigues da Silva, 1500; Florencio Soares Dias, 1500; José Ferreira da Silva, 1500; Alfredo Monteiro Fernandes, 1500; Joaquim José da Silva, 1500; Francisco de Carvalho, 1500; Alexandre Fininho, 1500; Camilo Martins da Costa, 2500; José Alves da Silva, 1500; Salvador Soares, 1500; Américo Martins da Costa, 1500; José Francisco dos Santos, 500; José Alves Ferreira da Silva, 1500; Pedro Pereira, 1500; Joaquim de Sousa e Silva, 1500; Manoel Mendes Junior, 2500; Americo H. Torres, 2500; João Martins, 500; Carlos José Guimarães, 2500; Joaquim Covas, 500; Antonio Ribeiro, 500; Mario Santos, 500; José Corte, 1500; Malheiro, 500; José Carvalho, 500; Lino da Rosa, 500; Armando Vasconcelos, 500; Joaquim Coelho, 500; Camilo Oliveira, 500; Roberto Araujo, 500; Armando Augusto, 500; Manoel Rodrigues Pereira, 500; Augusto Repicador, 1500; Francisco Monteiro, ex-polícia de investigação criminal, em G. A., 2500; Fernando da Costa, 2500; Francisco Ferreira de Sousa, 2500; José M. da Silva Guandara, 2500; Joaquim Machado, 5000; Antonio Vasconcelos, 2500; João de Sousa Baptista, 2500; Cezário Teixeira de Almeida, 2500; Luis da Costa Pereira, 2500; Joaquim de Almeida Coelho, 1500; Antonio Martins Marques, 1500; Americo Ferreira Soares, 2500; Firmino dos Reis, 2500; Ernesto de Sá, 1500; Artur M. Mendes, 1500; José Pereira de Andrade, 1500; Pedro Hurecho, 1500; Eladio Dinis, 1500; Joaquim Lopes Gonçalves, 2500; Augusto Andrade Santos, 2500; Adenilson Guedes, 2500; Carlos Pires, 2500; Adeline Ribeiro, 1500; Joaquim J. da Conceição, 1500; Alberto F. da Costa, 1500; Antonio Rebelo, 1500; José H. de Oliveira, 1500; Artur Martins, 1500; José Ferreira dos Santos, 500; Artur França, 2500. — Soma: 126.850.

Quete aberta entre ferroviários do M. D., seção de carpinteiros. — Manoel da Costa Moreira, 5000; João Fernandes de Carvalho, 1500; Artur Pinheiro, 1500; José Azevedo, 1500; Domingos Moreira, 1500; Manoel Pinheiro, 1500; Domingos Souto, 1500; Serafim Pereira, 1500; Serafim de Almeida, 1500; Olinio Cardoso, 1500; Joaquim Barbosa, 1500; Manoel Pereira, 3000; Americo Pinheiro, 1500; Antonio Pinto Tavares, 1500; Durval Barbosa, 1500; Serafim Pereira, 1500; Joaquim Carneiro Junior, 1500; Angelo Neves Vieira, 1500; Antonio Fernandes Carvalho, 1500; José Coelho da Rocha, 1500; José Pereira, 1500; Reinaldo de Sousa, 1500; Laurindo Nogueira, 1500; José Fernandes, 1500; Antonio Moraes, 1500; Maximiano Pires, 1500; Tomás de Almeida, 1500; Adulino dos Santos, 1500; Serafim Moraes da Costa, 1500; Miguel Ferreira, 1500; Manoel Pereira Guimarães, 2500; Delim Gonçalves, 1500; Antonio da Silva Pereira, 1500. — Soma, 43.900.

Quete entre os corticeiros de Belém. Antonio Maria, 2500; Francisco Amaral, 2500; José Serra, 2500; Antonio Bento, 1500; Pablo de Paiva, 1500; José Canêlas, 1500; Antonio Marques, 1500; Custódio de Almeida, 1500; Augusto Banchas, 1500; Pedro Pajuelo, 500; Artur Sepias, 500; Pompeu Ribeiro, 500; Antonio Ribeiro, 500; Silvestre Vieira, 500; José Amôres, 1500; Manoel Delicada, 1500; Henrique, 500; Inacio Calma, 1500; José Marques, 1500; Manoel Correa, 500; João Roberto, 1500; Nupia, 1500; Juliano Garcia, 1500; João dos Reis, 1500; Esteval Matadouro, 1500; Vitor Banna, 1500; Carlos Rodrigues, 500; José Cardoso, 500; Antonio Dias, 500; Alexandrino Santos, 500; Maria Conceição, 500; João Carvalho, 1500; Antonio Marques, 1500; Manoel Medeiros, 1500; Antonio Coelho, 1500; Evaristo, 1500; Simon, 500; Antonio Sardinha, 500; João Isidoro, 500; Heitor Pereira, 1500; João Lima, 500; J. J. G., 1500; Pedro da Glória, 1500; Antonio Medeiros, 1500; Luis Coelho da Silva, 1500; Antonio Luis, 1500; Antonio Baio, 2500; José Brás, 1500; Matilde Ferreira, 500; Isabel Rodrigues, 500; Benito Garcia, 500; Delfina Correia, 500; Justina Camacho, 1500; João Jabato, 500; Evaristo, 1500; Pedro da Glória, 1500; Francisco Filipe, 1500; Luis Coelho da Silva, 1500; Benito Garcia, 1500; Antonio Sardinha, 500; Aires Cândido, 500; Pulquerio Pinheiro, 2500; Monteiro, 500; Isabel Rodrigues, 500; Matilde Correa, 1500; José da Fonseca, 500; Antonio Medeiros, 1500. — Soma, 64.570.

Quete tirada entre um grupo de rapazes na Rua S. João da Praça, 3: Alvaro de Carvalho, 2500; Francisco de Sousa, 2500; Sérgio Pereira, 2500; Nicolau M. R., 2500; Casimiro Gonçalves, 2500; Luis Almeida, 1500; Mario Gonçalves, 2500; Americo Rodrigues, 5000; Frederico Gomes, 2500; José do Nascimento, 2500; Cândido Dias, 1500; Horácio Gonçalves, 5000; Guilherme Viçosa, 2500; Jélio dos Santos, 2500; Eduardo Campos, 2500; Americo Jale, 2500; Fernando Nunes, 2500; Manoel Ruivo, 2500; João Vicente Mendes, 2500; Cipriano Nunes, 2500; Filipe Jesus Fernandes, 2500; Americo Martins, 2500; Jorge Fernandes, 2500; Jorneleiro (Banna), 2500; Manoel Gonçalves, 2500; Manoel Gomes Mota, 1500; Felisberto Figueiredo, 1500; Augusto, 1500; José de Carvalho, 1500; Vitor Gonçalves, 1500; Aida Nascimento, 2500; Matilde Ribeiro, 2500; Maria Gloria Ribeiro, 2500; Augusto Silva, 1500; Americo Coutinho, 2500; Um amigo da Batalha, 2500; Herminio Monteiro, 1500; Augusto Viçosa, 2500; José Ribeiro Nascimento, 5000; Luis Almeida, 5000; Alvaro de Carvalho, 2500. — Soma 100.800.

Quete na União Fabril—Fábrica Sol. — José da Costa, 2500; Herculanio R. Antunes, 1500; Carlos José Cordeiro, 1500; Ernesto Ramalho dos Santos, 2500; Francisco Beirão, 500; Manoel Gonçalves, 1500; Alvaro Ferreira, 1500; José Nunes, 1500; Artur de Moura, 2500; Antonio Loureiro Alecrim, 1500; Carlos Mendes, 1500; Antonio Lopes, 1500; José de Almeida, 500; Manoel Gil, 2500; Abilio Lopes Torres, 1500; Alfredo Figueira, 2500; Rafael, 1500; Joaquim Guilherme Santos, 1500; João Garcia, 1500; Raúl Rosa, 1500; Jaime da Silva, 1500; Jacinto da Costa, 1500; Guilherme da Costa, 1500; João Cristó, 1500; José Veteriano, 1500; Henriques, 1500; Carlos, 1500; Diamantino, 1500; Alfredo Dias, 1500; Sebastião A. Diniz, 1500; Adelino Ferreira, 1500; Artur Faria, 1500; Francisco Eloi, 1500; José Ferreira Pina, 1500; Artur Garcia, 1500; Paulo Soares, 1500; Lourenço Soares, 1500; Manoel Cristó, 1500; José Furador, 1500; Carlos de Oliveira, 1500; José de Oliveira, 1500; José Augusto Lopes, 1500; Heitor Ferreira, 1500; Firmino Ramalho, 1500; Alfredo, 1500; José de Oliveira, 1500; Henrique Abrantes, 1500; Bernardino Lopes, 1500; Daniel Rodrigues, 1500; Manuel Eloi, 1500; Jacinto F., 1500; Ivo, 1500; Antonio de Silva, 1500; José Francisco da Silveira, 2500. — Soma, 60.600.

Quete no estaleiro Graça & Graça (irmãos)—Joaquim Horta Nobre, 1570; Manoel Gago, 1500; Luis Guita, 1500; Francisco Silva Cavaleiro, 1500; Alberto Manita, 1500; Manoel Viegas Abreu, 2500; Joaquim Antonio Pacheco, 2500; Vitor Simplicio Costa, 2500; José Antonio Mateus, 1500; José Celestino de Sousa, 1500; Carlos Manita, 5000; Casiano da Encarnação, 2500; João José, 1500; Inocência Martins, 1500; Domingos Martins, 1500; João Faria de Sousa, 1500; João José Pedro, 1500; Alexandre do Pedro, 1500; João Barbosa, 1500; João da Boa, 1500; Manoel Mariano, 1500; Alfredo Viegas, 1500; José Ventura, 1500; Manoel Joaquim Pereira, 1500; João Bernardo, 1500; do cofre da Associação dos Operários da Construção Naval, 5000. — Soma, 86.550.

Quete aberta entre o pessoal da Marcenaria Brasil: Lourenço Júnior, 500; Angelo Palaio, 1500; Manoel Soeiro, 1500; José Manoel Rodrigues, 1500; Alfredo Martins, 2500; José de Oliveira, 1500; Diamantino de Sousa, 1500; José Maria (polígrafo), 1500; Manoel Mendes, 2500; José Alves Pereira, 2500; Adriano de Amorim Fernandes, 1500; Jorge Marques, 1500; Antonio Godinho, 1500. — Soma, 18.800.

Quete aberta em Lagos: José Geraldo, 5000; Antonio dos Santos, 5000; José

Rodrigues Botelho, 5000; Gilberto Paletti, 5000; Arnaldo José Correa, 2500. — Soma, 22.500.

Quete entre o pessoal das oficinas e garagem da Sociedade Industrial Aliança: José Marques, 2500; Jaime Rodrigues da Costa, 1500; Raúl de Jesus Rezende, 1500; Manoel das Neves, 500; João dos Santos, 1500; Adriano Saldanha, 1500; João Barbosa, 1500; Francisco Lima, 1500; José Pedroso, 1500; Carlos da Silva, 2500; João Maria Cerdeira, 2500; Luis Pereira Matias, 1500; Afonso Augusto Castelo Branco, 1500; Joaquim Morais, 1500. — Soma, 18.800.

Quete aberta Barberia Cascalhos: Abilio Andrade, 2500; Francisco José Cascalho, 5000; Antonio das Doreas Baptista, 10000; Jesuino José Madeira, 1500; Antonio Rosa, 1500; Cipriano José, 2500; João da Palma, 1500; Lúcio Sebastião de Carvalho, 1500; Alvaro Diniz, 1500; José Filipe Madeira, 1500; Barão Rochinha, 1500; Mota, 1500; F. A. S., 1500; Antonio Joaquim Mira, 1500; Januário Nunes dos Santos, 3500; Joaquim J. Candia, 1500; Antonio Bilro, 1500; Fernando Silva, 1500; Vital José, 1500; Joaquim José, 1500; João Casiro, 1500; João Antonio Almeida, 1500; Bacalhan, 1500; Miguel Antonio Cavaco, 2500; Vicente José Carrageira, 1500; J. E., 1500; Manoel José Filipe, 1500; Jacinto L. C. Baptista, 1500. — Soma, 55.800.

Quete aberta numa Padaria de Évora: N.º 1, 1500; N.º 2, 1500; N.º 3, 1500; José Trindade, 1500; Idalina, 1500; Joaquim do Carmo, 1500; J. Lima, 1500; Liberato Pinto, 2500; Enrascado dos dentes, 3500; Joaquim Baltazar, 1500; João Alcandro, 2500; Manoel Correia, 2500; Leandro Augusto Dias, 2500; Mbl, 2500; J. B. A., 1500; Tomás Figueiredo da Costa, 1500; Vicente, 1500; Um empregado público, 2500. — Soma, 29.850.

Quete tirada num jantar de confraternização do Grupo Excursionista os "Cavaleiros do Porto": José Filipe Stekler, 1500; Mário d'Oliveira Coelho, 1500; Antonio Ribeiro, 1500; Armando Ribeiro, 1500; Floriano de Sousa Monteiro, 1500; José de Sousa Monteiro, 1500; Domingos de Sousa Monteiro, 1500; Antonio Coelho, 1500; Antonio Coelho Junior, 1500; Manoel Lourenço, 1500; Artur Pereira da Silva, 1500; Joaquim da Silva, 1500; Antonio Pereira da Silva, 1500; José d'Almeida Ribeiro, 1500; Antonio Teixeira, 1500; Manoel Queihias, 1500; José dos Santos, 1500; Antonio Alves Pereira, 1500; João Carlos, 1500; Lino Ferreira, 1500; Floriano do Div. Godinho, 1500; Antonio Cabas, 1500; Antonio Miguel Rodrigues, 1500; Adolfo Lopes, 1500. — Soma, 25.800.

A transportar, 12.964.906.

Ferrovários do Minho e Douro

Entre outros assuntos de importância, protestaram contra o assassinato dum seu camarada, praticado por um agente da 'ordem'

PORTO, 6. — Na União Ferroviária, e sob a presidência de Mateus Ramos Vieira, secretariado por Carlos Guimarães e Americo Mendes Teixeira, reuniu-se em assembleia geral os ferroviários do Minho e Douro, a fim de tomarem resolução sobre uma eleição obrigatória dos delegados do pessoal, junto dos serviços — Direcção e Administração Geral, — e acerca da Caixa de Solidariedade Humana do mesmo organismo, e também doutros assuntos de transcendental importância para a classe.

Após a leitura do expediente que se encontrava sobre a mesa, usou da palavra Camilo Martins da Costa, Eliseu Ferreira de Sousa, Abilio Ferreira dos Santos, Joaquim Vicente, Carlos Viana e Francisco Pinto, que fazem largas considerações sobre a apresentação dos nomes para a eleição dos candidatos, demonstrando os processos sistemáticos da ordem legislativa que vem preparando, com trues, de molde a levantar uma poeira densa na organização ferroviária, tendente a desmoralizá-la.

Antonio Pinto Fernandes e José de Sousa Teixeira, item algumas passagens da ordem número 36, analisando a sua redacção, e que fazem referências pouco lisonjeiras, pelo facto de pretender rivalizar a consciência sindical das duas associações de classe, F. Viária e S. S. Salientam a necessidade de desenvolver a acção, canalizando as aspirações da classe de forma a arregiar no espirito da mesma a defesa da lista apresentada pela U. F.

Francisco Ferreira da Silva dá explicações, proclamando a realização de sessões para propaganda da classe, a fim de continuar atenta, arredando esses viderinhos que sem vergonha, nem critério, se têm avorado em messias da bajulação e da intriga.

João José dos Santos constata a identificação das classes, pondo a descoberto as tranqüilidades desses desconhecidos gremistas que já se preparavam para o seu jogo... de reprimadores desse embroglio maquiliático.

Depois de acalorada discussão, foi resolvido publicar a lista, dando conhecimento a classe do nome dos candidatos apresentados ao sufrágio da classe por a U. F.

Acresce do desenvolvimento da Caixa de Solidariedade, fiam Maximiano Pires, José de Almeida Fortunato, Antonio Pinto Bragança, Carlos Guimarães, Francisco Pinto, José Teixeira e Manoel, que traçam o verdadeiro significado da constituição da Caixa, visando a largos objectivos defendendo a sua autonomia e garantia de fundos, que não

deverá sobrepor aos máximos interesses da acção defensiva da classe, resolvendo transgredir em face das circunstâncias a percentagem para 10 %.

O secretário da U. F. presta esclarecimentos, afirmando actualizar o delibetado, prontificando-se a defender as numerosas aspirações da classe em geral.

Joaquim de Almeida sintetiza a sua revolta contra o crime de assassinato do ferroviário Rodrigo Teixeira Alves, manifestando-se também Miguel de Moura, Bernardino da Silva e Belmiro Pereira, que desenvolvem a característica dos assassinatos praticados nos últimos tempos pela policia e guarda republicana, ficando impunes desses crimes.

José de Almeida Fortunato lamenta o facto do que aconteceu agora, o ser corbaramente assassinado um ferroviário associando-se a todas as manifestações de pesar e repulsa contra os selvagens beaguins da desordem legalizada.

Sio apresentadas três moções de protesto e sentimento, definindo o carácter do assassinato e homenagem póstuma, e, ainda, as medidas a tomar em prol da viua e levar ao conhecimento do chefe do distrito o inofensível protesto dos ferroviários organizados que presam o seu nome e profissão honesta a quem pertencem.

Foi nomeada uma comissão de três membros, representativa da assembleia geral, comissão administrativa e caixa de solidariedade, fazendo parte Carlos Guimarães, José de Sousa Teixeira e João José dos Santos, a fim de levar a prática os protestos e solidariedade da viua do finado.

Também foi resolvido suspender a sessão por 5 minutos em sinal de sentimento e exortação a classe ferroviária e operária a comparecer na morgue, a fim de acompanhar o seu camarada ferroviário.

A MULHER DE LUTO
(EM VERSO)
por GOMES LEAL
2.ª edição ilustrada
Preço 20.000, pelo correio registado 22\$
Pedidos a
Administração de A Batalha

A \$45 o quilo!
BRIQUETES de São Pedro da Cova postos no domicílio em sacas de 45 quilos. — Pedidos pelo telefone C. 2455. — Vicente Ribeiro & C. — Rua dos Fanqueiros, 4. 1.º

Antonio Braga
IMPORTAÇÃO DIRECTA
Ferragens, Ferramentas e Cutelarias
ADORNOS PARA MOVEIS
Preços baratos
TELEFONE N. 5243
Rua da Rosa, 181 a 185 -- Travessa dos Inglesinhos, 24 e 26

Interesses de classe

Aos Operários da Indústria de Conservas

Camaradas: Na associação de classe dos Soldadores de Setúbal foi nomeada uma comissão para tratar da organização da Federação dos Operários da nossa Indústria.

Pelo objectivo em vista e como deveis compreender, é de importância para a organização o trabalho a realizar. Como a criação da Federação deve ser uma aspiração de todos que trabalham pelo engrandecimento da organização sindical, por este meio lutar pela conquista de mais pão e mais liberdade, a comissão em referência, ao encetar os seus trabalhos, dirige-se vos, apelando para que desde já vos prepareis para colaborar neste empreendimento, cujos resultados serão tanto mais apreciáveis quanto maior for o v. sso esforço no sentido de contribuir para preencher esta lacuna que há muito se faz sentir no seio da organização.

Longe vai o tempo em que os sindicatos profissionais isolados representavam alguma força para o desempenho da missão para que foram criados. As nossas lutas dentro destes baluartes pela conservação dumais insignificantes regalias conquistadas — sem que represente esta nossa opinião menos consideração por antigos lutadores — e pela reivindicação de algumas outras também, na maior parte dos casos de um demonstrado a insuficiência destes organismos na sua antiga estrutura. Por isso a remodelação dos nossos sindicatos, em nossa opinião impõe-se, devendo criar-se sindicatos únicos onde cabiam os profissionais das diferentes especialidades da indústria.

A pesar de as nossas reclamações ao patronato nestes últimos tempos — durante e após a guerra — terem sido modestas, tem sido através dos maiores sacrificios que temos conseguido diminutas regalias. E no que se refere ao aumento de salário, temos visto destruídos todos os nossos esforços, pois esses aumentos que temos conseguido têm sido absorvidos, antes de os obter, pelo comércio rapace que no seu novo processo de comerciar por acaparamento, provocando clinicamente a escassez dos produtos nos mercados, tem-nos reduzido à situação de miséria que atravessamos.

A par do comerciante ladravaz, temos pela frente o patronato com a sua Confederação Patronal cuja acção é resultante da nossa inércia e cuja acção de perseguição actual à classe trabalhadora mais deve animar-nos para a luta.

E camaradas: Se é indispensável entre os operários da nossa indústria criar organismos de robustecimento à organização, dispondo assim de mais força a opôr contra a exploração de que somos vítimas e tornar mais fácil a conquista de aumento de salário que nos permita suavizar a situação angustiosa de excesso de trabalho e insuportabilidade da alimentação a que a organização do Estado capitalista nos obriga, devemos criar a Federação dos Operários da Indústria de Conservas mais especialmente tendo em vista que é uma célula a juntar a outras existentes dentro da organização sindicalista revolucionária dentro da C. G. T., contribuindo com a nossa quota parte para a batalha transitória a sustentar contra a Moagem, a Fimanga e o Comércio, contra todas as castas parasitárias que constituem obstáculo à emancipação dos trabalhadores. Isto só poderá levar-se a efeito pela destruição pura e simples desse monstro: o Estado Capitalista. A fim de poder funcionar regularmente a organização sindicalista que para ser completa deve atingir o seu principal objectivo: A direcção absoluta do trabalho e de quantas fontes de vida a natureza nos ofereça.

Avante, pois, pela preparação de trabalhos tendentes a criar no mais curto espaço de tempo a Federação dos Operários da Indústria de Conservas!

A Comissão: — David Augusto Carreira, João Beirão, António Fontinha de Castro, António Fontinha de Castro Junior e Januário da Conceição Sabino.

A's Associações, Unões e Federações

Camarada oferece os seus serviços para continuo ou escriturário ou as duas coisas, para Lisboa ou provincia. Neste jornal se diz.

A todos interessa
TER as suas casas com oleados novos ou coisa que imite. Está resolvido com a patente de invenção n.º 13.745 que restaura os oleados ficando como novos; e soalhos velhos ou novos ficando superiores ao oleado com o emprego da Bombazite. Acabam-se os esgarçados, escrever a

Agoas (Irmãos) L. da Sucessor Anibal José Agoas
Largo do Intendente, 7 a 10 LISBOA

Os armazéns reguladores
Algumas queixas temos recebido sobre a forma como estão funcionando os armazéns reguladores do Comissariado dos Abastecimentos, as quais visam especialmente as deficiências no seu abastecimento, pois ali estão faltando constantemente gêneros de primordial necessidade.

Áinda há dias nos referidos estabelecimentos havia falta de azeite, banha, farinha, manteiga, etc., o que torna inútil a existência de tais organismos criados para uma influência moralizadora sobre a ganância dos comerciantes.

Também é chamada a nossa atenção para o facto de todos os meses e até mais de uma vez serem alterados para mais os preços, o que acontece sempre que ao comércio lhe dá na gana fazer o mesmo, embora os gêneros estejam nos depósitos do comissariado já há muito tempo e por consequência não hajam sofrido grave no custo da sua aquisição.

Não compreendemos estes processos de baratear a vida e de regular os preços do comércio, a não ser que o comissariado dos Abastecimentos e as J. R. G. vivas estejam irmanados para expoliar os consumidores até lhes arrancarem a pele.

A BATALHA NA PROVINCIA E NOS ARREDORES

PONTE DO LIMA

Ainda a propósito da derrubação dum hospital para se construir uma capela

PONTE DO LIMA, 5. — Voltamos a liça a combater a Câmara que, como é de conhecimento de todos, arrazou com a sua artilharia (a insensatez aliada ao dinheiro do povo e ao trabalho da inconsciência dos proletários...) parte do hospital da Santa Casa da Misericórdia.

Tudo o nosso ser vibra de indignação por tamanho crime cometido contra uma instituição de beneficência por aqueles que ainda têm o desplante, o arrojo de se dizerem "amigos do povo", quando a cada passo atentam contra os seus direitos, tripudiando sobre os seus sagrados hivers!

A Câmara mandou demolir parte do único hospital que há em Ponte do Lima, unicamente para servir interesse pessoal, unicamente para com a sua pedra mandar construir ou reconstruir uma capela!!!

Se não estamos em erro, há uma lei da autoria do sr. Afonso Costa que se para a Igreja do Estado. Ora a Câmara, que se intitula democrática, tem transgredido essa lei, não a tem respeitado, pois colabora em actos religiosos, auxiliando-o materialmente. A Câmara mais uma vez vai transgredir esta lei com a construção ou reconstrução dum capela no alto do monte das Santas!

Enquanto Santa Maria Madalena vai possuir um palacete celestial, majestoso, para a sua habitação e os "homens (homens?) da Câmara do Bota-abaxio vão ter um hotel para... recreio e um sanatório (?) para o tratamento de certas doenças — os doentes que no referido estabelecimento hospitalar se encontram só por malagrar escapam à morte. Imagina o leitor que fizeram dum enfermaria a das mulheres, duas, para meter ali os doentes do sexo masculino. (Já aqui o dissemos, mas achamos necessário voltar a repeti-lo). As duas enfermarias (das mulheres e dos homens) não têm mais do que uma pequena fila de camas cada, devido à sua exigua largura, com uma só sacada, que, parece-nos, também está dividida.

Como podem os doentes viver ali? Como se hão de restabelecer da saúde numa casa acanhada, de ar viciado e onde o sol a custo penetra? Isto é revoltante!

Porém, não são só culpados deste crime os vereadores da Câmara, mais também o povo. E dizemos que o povo também tem a sua quota-parte de responsabilidade neste crime, que vem a ser a demolição antecipada e extemporânea do hospital, por não se impor uma maneira activa e enérgica contra tal demolição, que só a ele prejudica, que já lhe está sofrendo as tristes e lamentáveis consequências.

Os doentes que se encontram em tra-

lamento no hospital, se é que hospital se pode chamar, queixam-se da atmosfera mórbita que respiram ali, da sua exiguidade e da sua péssima e deficiente alimentação.

"Malizem os patifes que foram autores da demolição do hospital e da fomentação da sua miséria e da sua pobreza. E tem carraças de razão, porquanto se não vendessem as suas propriedades para servir interesses pessoais, o hospital estava mais rico do que o que está e os doentes seriam melhor tratados.

Ante tamanho crime cometido contra uma propriedade do povo só há um caminho a seguir: obrigar a Câmara a mandar construir um hospital com todos os requisitos higiénicos num ponto alto e arejado da vila, bem como os mandos deste estabelecimento hospitalar, cúmplices na venda das suas propriedades, ou os seus compradores, a indemnizá-los dos prejuízos sofridos...

Vá, trabalhadores potitelmenses: mostrai ao menos uma vez que existes e que não estais dispostos a tolerar tamanha iniquidade!

Uma bela iniciativa
A Empresa cinematográfica do teatro Diogo Bernardes resolveu dar no dia 31 do mês passado, aos alunos das escolas oficiais desta vila e das freguesias mais próximas, a exibição gratuita dum filme instrutivo. É uma bela iniciativa que merece os nossos sinceros aplausos. Pena é ser uma só vez, isto é: a Empresa não exibir gratuita e periodicamente mais filmes às crianças.

Porquê? Porque o cinema, além dos momentos agradáveis que proporciona, desenvolve o gosto pela Arte, pela Estética, pela Harmonia. Ministra conhecimento de variados ramos de Ciência, Transporta a qualquer ponto do Globo e põe ao facto dos usos e costumes dos diferentes povos, em diferentes épocas. Da, em suma, lições inúmeras sobre assuntos múltiplos, pelo que podemos dizer que o cinema é uma escola recreativa porque nos instrue, divertindo-nos.

Devemos, no entanto, reflectir que o cinema também tem o seu lado mau, pernicioso até, e que de escola útil se pode converter numa escola de crimes, mais fustas e lamentáveis consequências, com a exibição de filmes polícios, etc., repletos de peripécias rocambolescas, em que os mistérios abundam e os criminosos se multiplicam, pondo bem à evidência os maus que os engendram e perpetram.

Bom será, pois, que a Empresa se esforce por exibir sempre filmes boas, tanto para crianças como para adultos, sientas de tais peripécias. — C.

Lisboa na rua
Quedas desastrosas
Depois de receber os primeiros socorros no posto da Cruz Vermelha, do Calvário, foi conduzido ao Hospital de S. José, seguindo para casa, depois de devidamente pensado, Filipe Soares Jorge, cosineiro de bordo do vapor de guerra, *Lord Henago*, e residente na calçada de Castelo Pícaro, 37, que, eslu a bordo do mesmo vapor, que se encontra fundado na doca de Alcantara, tendo ferido na perna esquerda.

— A' enfermaria de Santa Joana recolheu, Joaquina André, de 54 anos, servil, residente da rua dos Alamos, 37, 2.º, que caiu na mesma rua fracturando uma perna.

O perigo das armas de fogo
O Banco do Hospital de S. José recebeu curativo, seguindo depois para casa, Manuel Domingos Moreira, natural de S. João, comerciante, morador na Calçada de Santo André, 53, que quando examinava uma pistola, esta disparou-se, indo o projectil atravessar-lhe o dedo indicador da mão direita.

Atropelamento
Adelinda Maria da Conceição, de 80 anos, natural de Lisboa, morador na rua do Rato, foi colhida por uma camionete, ficando com várias contusões pelo corpo.

Os banhos às crianças na Cruz Quebrada
Os banhos da Colonia Balnear da Cruz Quebrada continuam a ser ministrados às 600 crianças do 2.º tuno no meio de grande entusiasmo e grande afluência de povo. Ontem estiveram na Cruz Quebrada dantes banhos e ensinando a nadar os sr. D. Effrid Mosig, Ryder da Costa, Augusto Dias da Silva e Antonio Pinheiro. O sr. Ryder da Costa estabeleceu ontem o seguinte critério para os exercícios de natação: as crianças assim que cheguem à praia formam em colunas de 10 alunos a fim de receberem a instrução sobre os movimentos, de nadar de bruços, depois que marcham as suas colunas para a água sendo-lhes ministrado novamente o ensino. Aos melhores alunos de natação é-lhes dado como prémio, fazerem parte do tuno seguinte, isto é, mais 18 dias de banhos. Dos nadadores que se ofereceram ao sr. Alexandre Ferreira para ensinarem as crianças alguns alunos puderam comparecer na Cruz Quebrada a desempenharem-se da sua missão.

Policlinica Municipal
Os drs. srs. Emilio de Oliveira Martins, interno dos hospitais, Teodomiro de Miranda, médico militar, ofereceram ontem a sua colaboração para a criação dum policlinica municipal, iniciativa tomada pelo dr. Alfredo Guizado e aprovada pela comissão administrativa da Câmara.

O primeiro diaquele clínicos tomará a seu cargo a clinica geral, e o segundo a de doenças pulmonares e sifilis, dedicando ambos uma hora por dia à policlinica em projecto.

Agenda de A BATALHA

CALENDÁRIO DE AGOSTO

Q.	6	13	20	27	HOJE O SOL
Q.	7	14	21	28	Aparece às 5,44
S.	8	15	22	29	Desaparece às 19,40
S.	2	9	16	23	FASES DA LUA
D.	3	10	17	24	Q. C. dia 8 às 5,81
S.	4	11	18	25	Q. C. dia 11 às 5,10
T.	5	12	19	26	Q. M

